

**E** ditar, produzir e fazer circular livros que possam colaborar com a melhoria do ensino no Brasil, estabelecer uma ponte entre a produção do conhecimento e a sociedade. Promover a circulação do saber, enfim. Esta tem sido, desde o início, a preocupação da Editora Contexto.

Boa leitura!

Siga-nos:



[www.editoracontexto.com.br](http://www.editoracontexto.com.br)



# Sumário



Nota histórica .....	13
LIVRO I   Xerxes .....	17
LIVRO II   Alexandros .....	83
LIVRO III   Galo .....	145
LIVRO IV   Arete .....	189
LIVRO V   Polynikes .....	217
LIVRO VI   Dienekes .....	277
LIVRO VII   Leônidas .....	353
LIVRO VIII   Termópilas .....	401
Agradecimentos .....	429
O autor .....	431

# Nota histórica

**E**m 480 a.C., as forças do Império Persa sob o Rei Xerxes, compostas de dois milhões de homens, conforme Heródoto, transpuseram o Helesponto para invadir e escravizar a Grécia.

Em uma ação retardada e desesperada, uma força seleta de trezentos espartanos foi despachada para o desfiladeiro das Termópilas, no norte da Grécia, onde as fronteiras rochosas eram tão estreitas que o grande número de persas e sua cavalaria seriam, pelo menos em parte, neutralizados. Ali, esperava-se que uma força de elite disposta a sacrificar a própria vida pudesse deter, pelo menos por alguns dias, os milhões de invasores.

Trezentos espartanos e seus aliados conseguiram conter, durante sete dias, dois milhões de homens até que, com suas armas esfaqueadas, arruinadas na matança, lutaram “com mãos vazias e dentes” (como registrado pelo historiador Heródoto) até, finalmente, serem dominados.

Os espartanos e seus aliados, os théspios, morreram até o último homem, mas o tempo que



conseguiram, ao preço de suas vidas, permitiu que os gregos se reorganizassem. Naquele outono e primavera, derrotaram os persas em Salamina e Plateias, e preservaram a fonte da democracia e liberdade ocidental, impedindo que morressem em seu berço.

Dois memoriais permanecem ainda hoje nas Termópilas. No moderno, chamado de monumento a Leônidas, em homenagem ao Rei espartano que ali caiu, está gravada sua resposta à exigência de Xerxes para que os espartanos depusessem suas armas. A resposta de Leônidas foram três palavras: “Venham pegá-las.”

O segundo monumento, o antigo, é uma simples pedra sem adorno, gravada com as palavras do poeta Simônides. Seus versos talvez componham o mais famoso de todos os epitáfios guerreiros:

Forasteiros passantes, aos espartanos dizei  
Que aqui jazemos, em obediência à sua lei.

*P*or ordem de Sua Majestade, Xerxes, filho de Dario, o Grande Rei da Pérsia e da Média, Rei dos Reis, Rei de todas as Terras; Senhor da Líbia, Egito, Arábia, Etiópia, Babilônia, Caldeia, Fenícia, Elom, Síria, Assíria e das nações da Palestina; Soberano da Jônia, Lídia, Frígia, Armênia, Calícia, Capadócia, Trácia, Macedônia e a Transcaucásia, Cirene, Rodes, Samos, Lesbos e as ilhas do Egeu; Governante Supremo da Pártia, Báctria, Cáspia, Susiana, Paflagônia e Índia; Senhor de todos os homens, do sol nascente ao poente, Sua Mais Sagrada, Venerável e Exaltada, Invencível, Incorruptível, Abençoada pelo deus Ahura Mazda e Onipotente entre os Mortais. Assim decreta Sua Magnificência, como registrado por Gobartes, filho de Artabazos, seu historiador:

Após a gloriosa vitória das forças de Sua Majestade sobre o inimigo peloponeso, espartanos e aliados, no desfiladeiro das Termópilas, ao norte da Grécia, tendo aniquilado o inimigo até o último homem e erigido troféus a essa conquista valorosa, ainda assim Sua Majestade em sua sabedoria divina estava desejosa de mais informações, tanto sobre determinadas táticas da infantaria inimiga que tiveram efeito contra as tropas de Sua Majestade quanto sobre o tipo de adversários que, apesar de desobrigados das leis de vassalagem ou servidão, enfrentando desigualdades insuperáveis e morte certa, ainda assim escolheram permanecer em seus postos e ali morrer até o último homem.

Tendo sido expresso o pesar de Sua Majestade pela escassez de conhecimento e discernimento sobre o assunto, intercedeu o deus Ahura Mazda em Seu nome. Um sobrevivente dos helenos (como os gregos chamam a si mesmos) foi descoberto, gravemente ferido e em estado agonizante, debaixo das rodas de um carro de batalha, invisível, portanto, devido à presença dos inúmeros ca-



*dáveres de homens, cavalos e bestas de carga empilhados no local. Os cirurgiões de Sua Majestade foram convocados e encarregados, sob pena de morte, de não poupar medidas para preservar a vida do cativo. O deus assegurou a realização do desejo de Sua Majestade. O grego sobreviveu a noite e a manhã seguinte. Em dez dias, o homem havia recuperado a fala e a faculdade mental e, embora ainda confinado a uma padiola e sob o cuidado direto do Cirurgião Real, foi capaz de, além de falar, expressar seu desejo ardoroso de assim o fazer.*

*Vários aspectos não ortodoxos da armadura e do vestuário do cativo foram percebidos pelos oficiais que o mantinham sob custódia. Sob o elmo de batalha, encontrou-se não o tradicional protetor de feltro do hoplita espartano, mas o gorro de pele de cachorro associado aos hilotas, a classe de escravos lacedemônios, servos da terra. Em um contraste inexplicável para os oficiais de Sua Majestade, o escudo e a armadura do prisioneiro eram do mais fino bronze, gravados com raro cobalto hibernico, enquanto o elmo portava a crista transversa de um esparciata pleno, um oficial.*

*Em entrevistas preliminares, a maneira de falar do homem revelou-se uma junção das linguagens literária e filosófica mais elevadas, indicativa de uma familiaridade profunda com os épicos helenos, entremeada com a gíria mais rude e reles, grande parte impossível de ser interpretada até mesmo pelos tradutores mais eruditos de Sua Majestade. Entretanto, o grego concordou de boa vontade em ele próprio traduzi-la, o que fez utilizando fragmentos do aramaico profano e do persa, que alegou ter aprendido durante certas viagens marítimas além da Hélade. Eu, historiador de Sua Majestade, tentando poupar os ouvidos de Sua Majestade da linguagem obscena e muitas vezes execrável empregada pelo cativo, procurei remover o material ofensivo antes de Sua Majestade ser obrigada a suportá-lo. No entanto, Sua Majestade, em Sua sabedoria divina, instruiu seu servo a traduzir o discurso do homem em qualquer que fosse o linguajar ou idioma necessário para transcrever o efeito exato em grego. E isso eu tentei realizar. Peço que Sua Majestade se lembre da incumbência que deu a seu servo e de que o isentou das partes da transcrição que se segue que venham a ofender qualquer ouvinte civilizado.*

*Gravado e apresentado neste décimo sexto dia do mês de Ululu, Quinto Ano da Acessão de Sua Majestade.*

# 1

*T*erceiro dia de Tashritu, Quinto Ano da Acesso de Sua Majestade, sul da fronteira Locriana, o Exército do Império tendo prosseguido seu avanço, sem oposição, à Grécia central, fundando um acampamento à base do Monte Parnaso, cujos cursos de água, como inúmeros outros durante a marcha desde a Ásia, mostraram-se insuficientes e foram bebidos até se esgotar pelos soldados e os cavalos.

A entrevista inicial aconteceu na tenda de campanha de Sua Majestade, três horas após o pôr do sol, concluída a refeição da noite e as transações dos assuntos da corte. Com a presença de marechais de campo, conselheiros, guardas reais, Magos e secretários, os oficiais responsáveis pelo grego foram instruídos a apresentá-lo. O cativo foi trazido em uma padiola, os olhos vendados para impedir que visse Sua Majestade. O Mago realizou a purificação do vinho e da cevada, permitindo que o homem fosse ouvido por Sua Majestade. O prisioneiro foi instruído a não falar francamente na direção da Presença Real, mas dirigir-se aos oficiais da guarda real, os Imortais, posicionados à esquerda de Sua Majestade.

O grego foi orientado por Orontes, capitão dos Imortais, a se identificar. Respondeu que seu nome era Xeones, filho de Skamandridas de Astacus, uma cidade na Arkanania. O homem, Xeones, declarou que primeiro gostaria de agradecer à Sua Majestade por ter preservado sua vida e expressar sua gratidão e admiração pela perícia da equipe do Cirurgião Real. Falando de sua padiola, e ainda lutando com a respiração enfraquecida devido aos



vários ferimentos, nos pulmões e órgãos torácicos, ainda não curados completamente, justificou-se declarando à Sua Majestade que não estava familiarizado com o estilo do discurso persa, além do que, faltavam-lhe, infelizmente, os dons da poesia e da criação de histórias. Declarou que aquilo que poderia contar não seria sobre generais ou reis, pois não estava, e nem tinha estado então, em posição de observar as maquinações políticas dos poderosos. Só poderia relatar a história como ele próprio a tinha vivido e testemunhado, da perspectiva de um jovem escudeiro da infantaria pesada, um criado do séquito guerreiro. Talvez, declarou o cativo, Sua Majestade tenha pouco interesse nessa narrativa de guerreiros comuns, dos “homens na linha”, como se expressou o prisioneiro.

Sua Majestade, respondendo através de Orontes, Capitão dos Imortais, asseverou que isso era precisamente o que mais queria escutar. Sua Majestade já estava na posse, declarou, de muita informação sobre os grandes; o que mais desejava ouvir era exatamente “a história dos soldados da infantaria”.

Que homens eram estes espartanos, que, em três dias, haviam matado, diante dos olhos de Sua Majestade, não menos que 20 mil de seus guerreiros mais valentes? Quem eram estes adversários que levaram consigo para a casa dos mortos 10, ou, como alguns registros indicam, 20 para cada um deles que morria? Como eram como homens? Quem amavam? O que os fazia rir? Sua Majestade sabia que temiam, como todos os homens, a morte. Mas que filosofia suas mentes adotavam? Em suma, disse Sua Majestade, queria ter uma noção dos indivíduos em si, os verdadeiros homens em carne e osso que observara de cima do campo de batalha, mas somente indistintamente, a distância, como identidades indistinguíveis, ocultos nas carapaças de seus elmos e armaduras enegrecidas pelo sangue.

Debaixo de seus olhos vendados, o prisioneiro fez uma reverência e ofereceu uma prece de ação de graças a um de seus deuses. A história que Sua Majestade queria escutar, declarou ele, era a única que poderia realmente contar, e a que mais desejava contar.

Seria necessariamente sua própria história, assim como a dos guerreiros que ele tinha conhecido. Sua Majestade teria paciência para isso? Tampouco a narrativa poderia limitar-se exclusivamente à batalha, mas deveria iniciar por eventos anteriores, pois somente a partir dessa perspectiva seriam percebidos o verdadeiro significado e a importância da vida e das ações dos guerreiros que Sua Majestade observara nas Termópilas.



*Com Sua Majestade, marechais de campo, generais e conselheiros de acordo, o grego recebeu uma taça de vinho e mel para saciar a sede, e lhe pediram que começasse a contar a história por onde quisesse, da maneira que achasse apropriada. O homem, Xeones, fez uma reverência em sua padiola e começou:*

Sempre imaginei como seria morrer.

Havia um exercício que nós, do séquito guerreiro, praticávamos quando servíamos de saco de pancadas para a infantaria pesada espartana. Era chamado de Carvalho, pois nos posicionávamos ao longo de uma série de carvalhos na orla da planície de Otona, onde os oficiais e fidalgos comissionados conduziam seus exercícios de campo no outono e no inverno. Alinhávamo-nos, com dez escudos de profundidade, escudos de vime da extensão do corpo firmados sobre a terra, e as tropas de choque nos golpeavam, atravessando o pântano em linha de batalha, oito de profundidade, a passo, depois a trote e, finalmente, a galope. O impacto de seus escudos interfoliados tinha a intenção de nos tirar o fôlego, e conseguia. Era como ser atingido por uma montanha. Nossos joelhos, por mais atados que estivessem, curvavam-se como árvores novas antes de um deslizamento de terra; em um instante, toda a coragem abandonava nosso coração; éramos desarraigados como caules secos pela sega do lavrador.

Morrer era assim. A arma que me matou nas Termópilas foi a lança de um hoplita egípcio, que penetrou sob o plexo da caixa torácica. Mas a sensação não foi a que se esperava, não foi de ser perfurado, mas sim de ser empurrado com força, como nós, os parceiros de treinamento, sentíamos sob os carvalhos.

Eu achava que os mortos eram impassíveis. Que consideravam a vida com os olhos da sabedoria objetiva. Mas minha experiência foi oposta. A emoção dominou. A impressão é de que nada permaneceu, a não ser a emoção. O meu coração doeu como nunca doera. A perda me envolveu com uma dor aguda, subjugando tudo. Vi minha mulher e meus filhos, minha querida prima Diomache, que eu amava. Vi Skamandridas, meu pai, e Eunike, minha mãe, Bruxieus, Dekton e "Suicídio", nomes que não significam nada para Sua Majestade,

mas que me eram mais queridos do que a própria vida e que, agora, enquanto agonizava, se tornaram ainda mais queridos.

Para longe partiram. Para longe parti.

Eu estava ligado aos meus irmãos guerreiros que haviam caído comigo. Um vínculo cem vezes mais forte do que aquele que experimentara em vida me unia a eles. Senti um alívio inexprimível e percebi que tinha temido, mais do que a morte, a separação deles. Compreendi o tormento cruciante do sobrevivente da guerra, a sensação de traição e covardia experimentada por aqueles que ainda se agarram à vida quando seus camaradas já dela se soltaram.

O estado que chamamos de vida se encerrara.

Eu estava morto.

E ainda assim, por mais titânica que fosse essa sensação de perda, havia outra mais incisiva que agora eu experimentava, e percebia meus irmãos de armas sentindo comigo. Era a seguinte.

Que a nossa história morreria conosco.

Que ninguém jamais a conheceria.

Não importava eu mesmo, meus propósitos pessoais, egoístas e vaidosos, mas eles. Leônidas, Alexandros e Polynikes, Arete, privada de sua família, e, mais que todos, Dienekes. O valor dele, a sua sagacidade, seus pensamentos privados, que só eu tive o privilégio de compartilhar. Tudo que ele e seus camaradas haviam conseguido e sofrido simplesmente desapareceria, seria carregado pelo ar como a fumaça de um incêndio na floresta. Isso era insuportável.

Tínhamos alcançado o rio. Podíamos ouvir com ouvidos que não eram mais ouvidos e ver com olhos que não eram mais olhos o riacho de Lethe e a hoste de mortos de tão longa agonia, cuja ronda sob a terra por fim estava chegando ao termo. Estavam retornando à vida, bebendo da água que apagaria toda a recordação de sua existência terrena, como sombras.

Mas, nós das Termópilas, estávamos a uma eternidade de beber a água de Lethe. Nós lembrávamos.

Um grito que não era um grito, mas somente a dor multiplicada do coração dos guerreiros, todos sentindo o que eu também sentia, rompeu a cena funesta com um *phatos* intolerável, inqualificável.

Então, atrás de mim, se é que havia tal coisa, um “atrás” nesse mundo em que todas as direções são como uma única, surgiu um fulgor dessa sublimidade, que eu soube, todos nós soubemos imediatamente, que só poderia ser um deus.

Febo, o Grande Arqueiro, Apolo em pessoa, em sua armadura de guerra, movia-se entre os oficiais espartanos. Nenhuma palavra foi trocada; nenhuma foi necessária. O arqueiro podia sentir a agonia dos homens, e eles sabiam, sem falar, que ele, guerreiro e médico, estava ali para remediá-la. Tão rapidamente, que impossibilitou qualquer surpresa, senti seus olhos em minha direção – eu, o último que esperaria isso – e então Dieneskes, ele próprio, estava do meu lado, o meu senhor em vida.

Eu seria aquele. Aquele que retornaria e falaria. Uma dor mais intensa que as anteriores me dominou. O prazer da vida e até mesmo a chance desesperadamente buscada de contar a história pareceram, de repente, insuportáveis comparados à dor de ter de me separar daqueles que eu passara a amar tanto.

Porém, mais uma vez, diante do poder do deus, nenhuma súplica foi possível.

Vi outra luz, mais pálida, mais crua, uma iluminação mais tosca, e soube que era o sol. Eu estava planando de volta. Vozes me chegavam através de ouvidos físicos. A fala de soldados, egípcios e persas, e mãos com luvas de couro puxando-me debaixo de uma pilha de cadáveres.

Mais tarde, marinheiros egípcios me disseram que eu tinha proferido a palavra *lokas*, que significava “foda-se” em sua língua, e que tinham rido enquanto arrastavam meu corpo destroçado para a luz do dia.

Enganaram-se. A palavra foi *Loxias* – título grego de respeito para Apolo, o Astuto, ou Apolo Ardiloso, cujos oráculos apresentavam-se sempre evasivos e oblíquos –, e eu estava como que gritando, amaldiçoando-o por colocar essa terrível responsabilidade sobre mim, que não possuía o talento para realizá-la.

Assim como os poetas convocam a Musa para falar através deles, emiti um grasnido inarticulado para aquele que Age de Longe.

Se realmente me escolheu, Arqueiro, então que suas flechas com belas plumas sejam lançadas de meu arco. Emprésteme sua voz, Arqueiro. Ajude-me a contar a história.